

**“I WON’T GO SPEECHLESS” (“NÃO FICAREI EM SILENCIO”):  
UM ESTUDO SOBRE A LUZ DA DISCURSIVIDADE**

*Helga Ticiiana de Barros Maciel (SED/SEMED)*  
[helgaticiiana.barrosmaciel@gmail.com](mailto:helgaticiiana.barrosmaciel@gmail.com)

**RESUMO**

O presente estudo analisa a fala da personagem Jasmine na versão *live-action* do filme Aladdin (2019), à luz da Análise do Discurso e dos estudos sobre empoderamento feminino. O estudo tem a finalidade de compreender como os enunciados da princesa dialogam com as transformações sociais contemporâneas acerca da posição da mulher na sociedade e nos produtos culturais. Com base em Foucault *et al.* (2016), Orlandi (2009) e Pêcheux (2006), discute-se como o discurso de Jasmine rompe com os padrões tradicionais das narrativas de princesas da Disney, historicamente pautadas pela passividade e subordinação ao masculino. Além disso, autores como Azevedo & Sousa (2019) são mobilizados para refletir sobre as estratégias discursivas que evidenciam uma identidade feminina mais autônoma, crítica e propositiva. A fala “I won’t go speechless” (“Não ficarei em silêncio”), repetida ao longo do filme, é analisada como um gesto de resistência simbólica, representando a recusa da personagem em ser silenciada e sua luta por ocupar espaços de poder. Conclui-se que o discurso de Jasmine não apenas representa uma mudança na representação feminina no cinema, mas também atua como ferramenta de visibilidade e inspiração para o empoderamento de meninas e mulheres na atualidade.

**Palavras-chave:**  
**Empoderamento. Análise do discurso. Discurso de Jasmine.**

**ABSTRACT**

This study analyzes the speech of the character Jasmine in the live-action version of the film Aladdin (2019), in light of Discourse Analysis and studies on female empowerment. The study aims to understand how the princess's statements interact with contemporary social transformations regarding the position of women in society and cultural products. Based on Foucault *et al.* (2016), Orlandi (2009) and Pêcheux (2006), the study discusses how Jasmine's discourse breaks with the traditional patterns of Disney princess narratives, historically guided by passivity and subordination to the male. In addition, authors such as Azevedo & Sousa (2019) are mobilized to reflect on the discursive strategies that evidence a more autonomous, critical and purposeful female identity. The line “I won’t go speechless”, repeated throughout the film, is analyzed as a symbolic gesture of resistance, representing the character’s refusal to be silenced and her struggle to occupy positions of power. It is concluded that Jasmine’s speech not only represents a change in female representation in cinema, but also acts as a tool for visibility and inspiration for the empowerment of girls and women today.

**Keywords:**  
**Jasmine’s speech. Empowerment. Discourse analysis.**

## **1. Introdução**

Para a análise discursiva deste artigo dialogamos com questões ligadas ao empoderamento feminino na atualidade uma vez que a sociedade impunha barreiras que restringiam as mulheres ao espaço doméstico e a submissão masculina. Neste contexto o discurso da princesa Jasmine no filme Aladdin (2019) será objeto para a verificação das transformações sociais ao longo do tempo e, além de, pautar-se em romper com o próprio discurso das princesas da Disney. Ao desenvolver este trabalho, teremos como base a canção “Speechless” e a fala recorrente “I won’t go speechless” (“Não ficarei em silêncio”) no filme e outras falas desta que evidenciam a resistência diante das posturas masculinas no filme, principalmente aquelas voltadas ao casamento sem amor, a negação do valor e capacidade de governar de uma mulher.

Nesse propósito, estabeleceremos no decorrer desse trabalho um breve referencial teórico dos autores Foucault *et al.* (2016), Orlandi (2009) e Pêcheux (2006), dentre outros. Conforme destaca Orlandi (2001), a análise do discurso, não se ocupa da língua como um sistema abstrato e isolado, mas sim da linguagem em uso, inserida no mundo. Trata-se de um campo que se volta para as formas de significação produzidas por sujeitos concretos, em contextos históricos e sociais determinados. Nesse sentido, analisa-se a produção de sentidos como parte integrante da vida dos indivíduos, seja enquanto sujeitos singulares, seja como membros de uma determinada formação social, seja como personagens filmicos, seja como mentoras de comunidades virtuais ou locais ou até mesmo como indivíduos resistentes ou ligados a qualquer tipo de organizações.

O discurso é um dos lugares em que a ideologia se manifesta, isto é, toma forma material, se torna concreta por meio da língua. Assim sendo, a importância de outro elemento fundamental com que a análise do discurso trabalha, o de formação ideológica. O discurso é o espaço em que saber e poder se unem, se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito que lhe é reconhecido socialmente

No filme Aladdin (2019), o discurso da princesa Jasmine representa um exemplo contundente da presença de vozes sociais em conflito dentro de uma narrativa ficcional. Inspirando-se na perspectiva de Mikhail Bakhtin, pode-se afirmar que o posicionamento de Jasmine, especialmente na canção “Speechless”, encarna o embate entre uma voz feminina historicamente silenciada e o discurso autoritário que representa o poder masculino e patriarcal no palácio. Como afirma Bakhtin (2006, p. 121) “a palavra é o terreno comum da interação social, o campo de batalha das valorações sociais”. Nesse contexto, o discurso de Jasmine não é uma fala isolada, mas uma resposta

dialogicamente construída às tentativas de apagamento de sua subjetividade e de sua agência política. Ao reivindicar sua voz e sua legitimidade como futura governante, Jasmine insere-se no espaço discursivo como sujeito ativo, reconfigurando as relações de poder por meio da linguagem.

Complementarmente, Foucault afirma que (1996, p. 10, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, e por meio do qual, se luta; o discurso é o poder que se quer tomar”. Assim, quando Jasmine proclama que não será calada, ela não apenas questiona as normas vigentes, mas disputa o direito de dizer e, ao mesmo tempo, de ser reconhecida como sujeito de saber e de poder dentro daquela sociedade.

Nesse sentido, a personagem representa a materialização do discurso enquanto prática social e política. Seu posicionamento rompe com os mecanismos tradicionais de exclusão (o silenciamento da mulher, o poder hereditário centrado no homem) e reinscreve uma nova possibilidade de enunciação feminina dentro do espaço de poder.

## **2. Referencial Teórico: Definição de discurso e conceitos fundamentais de Michel Pêcheux, Michel Foucault e Eni Orlandi**

A análise do discurso de Jasmine, no filme Aladdin (live action, 2019), pode ser aprofundada a partir do diálogo entre as concepções foucaultiana e pecheuxiana, uma vez que ambas permitem problematizar as relações entre linguagem, poder e ideologia.

Na perspectiva de Michel Foucault, o discurso deve ser compreendido como prática que produz saberes e regula comportamentos. Como afirma o autor, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, e pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar” (Foucault, 1996, p. 10). No universo narrativo do filme, o poder patriarcal funciona como dispositivo de normalização, restrin-gindo a participação feminina nos espaços de decisão política. Quando Jasmine reivindica o direito de governar, sua fala tensiona as regularidades históricas e discursivas, instaurando uma ruptura frente às condições que buscavam naturalizar a exclusão das mulheres da esfera pública. Sob a ótica foucaultiana, a voz da personagem não se configura como expressão individual ou subjetiva, mas como efeito de deslocamentos nas práticas discursivas que organizam a relação entre gênero e poder.

Sob a lente de Michel Pêcheux, por sua vez, o discurso de Jasmine evidencia a materialidade linguística atravessada pela ideologia. Para o autor, “todo discurso é, ao mesmo tempo, um efeito de sentido entre interlocu-

tores e o produto da relação de forças inscrita no interdiscurso” (Pêcheux, 1990, p. 82). O sujeito, nesse quadro, não é origem do dizer, mas é interpelado por formações discursivas que refletem e refratam as condições históricas de produção. No caso em análise, observa-se o embate entre duas posições ideológicas: de um lado, a tradição patriarcal que interpela Jasmine como sujeito destinado à submissão; de outro, a formação discursiva que possibilita a emergência de sentidos vinculados à igualdade de direitos e à resistência. O discurso da personagem, portanto, constitui-se no entrecruzamento de forças contraditórias, revelando tanto a persistência da ideologia dominante quanto a possibilidade de seu deslocamento.

Assim, a articulação entre Foucault e Pêcheux permite compreender o discurso de Jasmine como espaço de luta simbólica em que se atualizam relações de poder, regimes de verdade e disputas ideológicas. Sua fala, ao recusar o silenciamento e afirmar o direito à governança, inscreve-se simultaneamente em processos de resistência e em deslocamentos discursivos, problematizando o modo como o feminino é historicamente posicionado nos campos do poder e da política. Quando Jasmine reivindica o direito de governar, sua fala tensiona as regularidades históricas e discursivas, instaurando uma ruptura frente às condições que buscavam naturalizar a exclusão das mulheres da esfera pública. Sob a ótica foucaultiana, a voz da personagem não se configura como expressão individual ou subjetiva, mas como efeito de deslocamentos nas práticas discursivas que organizam a relação entre gênero e poder.

A palavra discurso dicionarizada refere-se à “conjunto articulado de enunciados que têm uma determinada intenção comunicativa e que se organizam segundo regras linguísticas e sociais” (Houaiss, 2009, p. 1009). Importa para nós o contexto desse discurso, propriamente o discurso de Jasmine no filme e seu alcance a milhões de jovens que compartilham o gosto pela cultura pop. A cultura pop nos acompanha desde a infância lançando mãos dos sonhos de crianças, jovens e adultos que solidarizam, se espelham, reforçam crenças advindas do lúdico, dentre outros aspectos que a mídia proporciona ao ser fonte de alcance à todos.

O interdiscurso é uma ferramenta para entender como esses elementos interagem na produção do sentido e na construção da realidade social. Assim sendo:

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do preconstruído, o já dito que está na base do dizível. (Orlandi, 2005, p. 31)

A citação de Orlandi (2005) destaca a noção de memória discursiva como elemento essencial para a constituição do discurso. Isso significa que todo dizer está ancorado em algo já dito anteriormente, em um saber compartilhado que antecede e possibilita novas enunciaçãoes. A memória, nesse contexto, não é apenas individual ou psicológica, mas social e histórica, manifestando-se como um conjunto de sentidos que circulam e se sedimentam ao longo do tempo. Ela se inscreve no discurso como uma força que orienta o que pode ou não ser dito, funcionando como base do dizível. Assim, compreender a memória discursiva é fundamental para analisar como os sentidos são produzidos, retomados e transformados nas práticas discursivas.

Dessa maneira, no filme Aladdin (2019), o discurso de Jasmine, especialmente em sua canção inédita “Speechless”, pode ser analisado à luz do conceito de memória discursiva apresentado por Orlandi (2005). A personagem rompe com o papel historicamente reservado às mulheres em narrativas orientais e contos de fadas, geralmente passivas, silenciadas ou restritas ao espaço privado e reivindica o direito à voz e à ação. O que Jasmine diz está enraizado em discursos anteriores sobre empoderamento feminino e igualdade de gênero, ou seja, em uma memória discursiva que já circula na sociedade e que torna possível sua fala. Ao mesmo tempo, seu discurso também reconfigura esse saber ao inseri-lo em um novo contexto: o de uma princesa que desafia estruturas patriarcas dentro de uma narrativa tradicional da Disney. Assim, o que parece uma fala inédita carrega em si marcas do “já dito”, mostrando como a memória discursiva atua como base e limite do que pode ser dito, mas também, como espaço de resistência e reinscrição de sentidos.

### ***3. Análise discursiva das falas de Jasmine no filme (Aladdin, 2019)***

Analisamos a seguinte fala em que a personagem Jasmine (interpretada por Naomi) dialoga com Dália: “—Agrabah é tão linda! Eu tenho que sair mais. Nenhum príncipe cuidaria do nosso povo melhor do que eu consigo.”.

Nesse contexto, a fala está situada dentro de um discurso ficcional (Aladdin 2019), mas ainda assim fortemente atravessado por discursos sociais reais, principalmente os que dizem respeito a gênero, poder e representatividade feminina. Ainda, as formações discursivas dizem respeito ao conjunto de sentidos possíveis dentro de um determinado campo ideológico. A frase: “Nenhum príncipe cuidaria do nosso povo melhor do que eu consigo.” rompe com a formação discursiva tradicional da monarquia patriarcal, na qual a liderança é masculina e o cuidado do povo está centrado na figura do rei/príncipe. A frase carrega um gesto de resistência discursiva, onde há deslocamento da posição da mulher de objeto passivo para sujeito ativo do po-

der. O uso da primeira pessoa do singular reforça esse empoderamento: “Eu consigo.” – ela se afirma capaz e competente, o que reforça uma ideologia de emancipação feminina. O empoderamento aqui se dá tanto no nível linguístico (primeira pessoa, negação do príncipe) quanto no simbólico (liderança e poder).

No início da frase “Eu tenho que sair mais.” notamos neste contexto, o empoderamento feminino em que a frase revela: autonomia. Jasmine deseja sair, ver o mundo, agir fora dos limites impostos. No decorrer da narrativa ela transparece autoconfiança ao afirmar sua capacidade de cuidar do povo, algo tradicionalmente negado às mulheres em sociedades patriarcais. E, por conseguinte contesta o papel masculino tradicional dos contos de fada, uma vez que a figura do príncipe não é mais vista como necessária, superior ou como o ser que resgata a donzela em perigo. Essa virada discursiva permite ler a fala como parte de um discurso feminista, que reinterpreta personagens clássicos da Disney à luz de valores contemporâneos de igualdade e protagonismo feminino.

Podemos observar em um fragmento da canção “Speechless” do filme a seguinte citação:

Mas eu não vou chorar (But I won't cry)/ E eu não vou começar a desmoronar/ And I won't start to crumble/Sempre que eles tentarem (Whenever they try)/Me calar ou me interromper (To shut me or cut me down)

Jasmine é colocada em posição de inferioridade que precisa casar-se com um príncipe para poder governar o reino, ou melhor, assistir como seu futuro esposo irá comandar seus súditos. A ideologia dominante espera a fragilidade; o discurso rompe com isso e afirma resistência. Ela não vai desmoronar, sua voz será ouvida.

O sujeito (Jasmine) enuncia seu posicionando contra um poder que tenta controlar ou reprimir sua expressão/sua voz. A personagem Jasmine se constitui discursivamente a partir de uma formação ideológica de resistência, autonomia, de empoderamento e liberdade de fala. O efeito ideológico aqui é o de romper com o lugar de submissão: ao recusar “chorar” ou “desmoronar”, esta recusa um papel esperado, imposto por normas sociais ou por um poder dominante, no caso o poder neste contexto filmico está impresso na autoridade do pai de Jasmine.

Ainda, analisamos a fala de Jasmine em resposta a fala de Jaffar “Gente não pode ter tudo, princesa! Aceite e respeite as tradições e entenda que uma princesa não deve falar”. Diante desta fala, Jasmine canta “Mais uma vez a maré me engoliu, de novo me sinto quebrada. E quis falar e ninguém me ouviu com minha voz sufocada!”.

Assim sendo, o discurso traz dois enunciadores em tensão: Jaffar, que representa a voz da ordem social, sustentada em tradições e normas de gênero (“Uma princesa não deve falar.”). A narradora/princesa, que responde a partir de um lugar de subjetivação, relatando a experiência de silenciamento e dor (“Mais uma vez a maré me engoliu.”).

Segundo Orlandi, todo discurso é atravessado por formações ideológicas que determinam o que pode ou não ser dito. Aqui, a fala de Jafar funciona como interdição: marca os limites do que é permitido à mulher (o silêncio), apoiando-se na tradição como argumento de autoridade. Diante disso, o silenciamento e memória discursiva vêm à tona quando a narradora afirma “Ninguém me ouviu com minha voz sufocada.”, vemos a inscrição do sujeito na condição de silenciado. Para Orlandi, o silenciamento não é ausência de fala, mas uma condição de sentido: mesmo quando fala, o sujeito pode ser interditado, invisibilizado, não reconhecido.

Além disso, há um efeito de repetição na expressão “mais uma vez”, que remete à memória discursiva: o silenciamento não é um ato isolado, mas um processo histórico e reiterado tanto nas narrativas de princesa bem como na sociedade patriarcais. Ainda que a fala da princesa esteja marcada pelo sentimento de opressão (“Me sinto quebrada.”), o próprio ato de dizer já é uma forma de resistência discursiva. Orlandi lembra que o sujeito nunca é plenamente capturado pela ideologia: há sempre brechas de deslocamento. O discurso da princesa denuncia a violência simbólica e inscreve a possibilidade de questionar a naturalização do silêncio imposto.

À luz de Orlandi (2001), o discurso mostra o confronto entre uma formação discursiva patriarcal (que naturaliza o silêncio feminino em nome da tradição) e a emergência da subjetividade feminina, que, mesmo sufocada, encontra na linguagem o espaço para inscrever sua dor e reivindicar escuta. O sentido se produz nesse embate: entre o interdito e a tentativa de romper o silenciamento.

A citação “Eu quero mais, eu não posso ficar esperando um príncipe inútil aparecer.”, este enunciado pode ser analisado a partir das reflexões propostas por Orlandi e Foucault no campo discursivo. Em primeiro lugar, observa-se que a formulação retoma uma memória discursiva vinculada ao imaginário dos contos de fadas, em que a figura feminina ocupa a posição de passividade, aguardando a ação do “príncipe encantado” como agente transformador de sua vida. Contudo, o efeito de sentido produzido rompe com essa tradição: ao qualificar o príncipe como “inútil” e afirmar o próprio desejo – “eu quero mais” –, o sujeito enunciador inscreve-se em outra formação discursiva, marcada pela autonomia e pela recusa de um destino imposto.

Nesse ponto, os estudos discursivos contribuem para compreender que o sujeito não fala a partir de um lugar neutro, mas de condições de produção atravessadas por ideologias. Assim, a posição-sujeito construída no discurso é atravessada por uma disputa: de um lado, a memória do conto de fadas, de outro, a emergência de um discurso contemporâneo de empoderamento feminino. Ao mesmo tempo, em diálogo com Foucault, pode-se afirmar que o enunciado opera como prática de resistência frente aos dispositivos de poder que historicamente associaram a identidade da mulher à espera, à submissão e à realização através do masculino. Ao deslocar o centro da ação para si mesma, a enunciadora exerce um gesto de liberdade, evidenciando que onde há poder, há sempre possibilidade de resistência. Assim, o enunciado rompe com o discurso romântico-tradicional que associa a mulher à passividade e à espera de um “príncipe encantado”.

Orlandi (2001) comprehende que o discurso se constitui a partir de condições de produção, atravessado por ideologias e pela memória discursiva, isto é, pelos dizeres anteriores que circulam e se reatualizam nos novos contextos de enunciação. Nesse sentido, a memória do “conto de fadas” é mobilizada para ser negada: ao nomear o “príncipe” como “inútil”, o discurso de Jasmine desloca e deslegitima o lugar tradicional de poder masculino, instaurando novos sentidos para o feminino e para as relações de gênero.

Ainda, em outra formulação discursiva da princesa “eu quero mais” marca uma posição-sujeito ativa, em que a mulher reivindica desejo próprio, não subordinado a outro (o príncipe). Há um efeito de sentido de ruptura: a voz enunciativa se desloca de um discurso tradicional (heteronormativo, patriarcal) para um discurso de emancipação feminina. A enunciadora fala a partir de uma formação discursiva feminista/empoderada, mas essa só se torna possível porque existe também a formação discursiva romântica que é negada. Evidencia-se o “eu”, observado neste ponto como efeito de uma disputa discursiva: entre a tradição do conto de fadas e a contemporaneidade da autonomia feminina. A frase “eu quero mais” pode ser lida como exercício de liberdade: não aceitar a sujeição aos papéis tradicionais, mas afirmar novos modos de subjetivação.

Para finalizar o compêndio escolhido tem-se no contexto das representações de gênero em narrativas midiáticas contemporâneas um crescente movimento de ressignificação das figuras femininas, que passam a ocupar posições de poder e autonomia discursiva antes reservadas aos personagens masculinos. Nesse sentido, a enunciação final da personagem “Bem, eu sou a chefe, então só vou mudar a lei!” constitui-se como um marco simbólico de ruptura com os discursos sociais tradicionais que historicamente definiram o feminino a partir da submissão e da dependência.

Dessa maneira, Jasmine ao afirmar-se como “chefe” e reivindicar o poder de “mudar a lei”, a personagem desloca o eixo de autoridade dentro da narrativa e desafia as formações discursivas que naturalizam a hierarquia patriarcal. Tal gesto revela não apenas uma transformação na construção da personagem, mas um ato político-discursivo que tensiona as estruturas simbólicas responsáveis por manter o controle sobre a representação do feminino.

De acordo com Azevedo e Sousa (2019), o empoderamento feminino nas produções audiovisuais contemporâneas não se limita à presença de mulheres em papéis de destaque, mas se efetiva na reconfiguração das relações de poder e na possibilidade de reescrever as normas simbólicas que regulam o lugar da mulher nas narrativas sociais e culturais. Sob essa perspectiva, a fala da princesa adquire um caráter metadiscursivo, pois não apenas altera uma lei dentro do universo ficcional, mas simboliza a revisão das “leis” culturais e discursivas que sustentam o imaginário patriarcal.

Desse modo, a cena final pode ser compreendida como uma forma de resistência e de reapropriação do discurso, em que a mulher se constitui como sujeito de enunciação e agente de transformação social. Essa leitura converge com as reflexões de Azevedo e Sousa (2019), que enfatizam a importância de representações femininas capazes de instaurar novas narrativas sobre o poder, a autonomia e a identidade de gênero. Em síntese, o gesto da personagem evidencia a emergência de uma nova ordem simbólica, na qual o feminino deixa de ser objeto do olhar alheio para tornar-se autora de sua própria história.

#### **4. Considerações finais**

A análise discursiva das falas da Princesa Jasmine evidencia como o discurso da personagem se constitui como um espaço de resistência frente aos modelos tradicionais de feminilidade e poder presentes nas narrativas da cultura de massa. Jasmine rompe com o silêncio e desafia a lógica patriarcal representada pelas figuras masculinas que tentam controlar suas escolhas e seu destino. Essa postura confirma o que Simone de Beauvoir (2009) destacou em *O Segundo Sexo*: a mulher não nasce submissa, mas é socialmente construída dentro de um sistema que a posiciona como o “outro” em relação ao homem. Ao reivindicar sua voz e o direito de decidir sobre sua vida, Jasmine se insere em um processo simbólico de ruptura com esse imaginário de subalternidade, enunciando-se como sujeito de sua própria história.

Do ponto de vista discursivo, a análise das falas de Jasmine permite observar o funcionamento ideológico da linguagem, conforme propõe Or-

landi (2001), ao afirmar que todo discurso é atravessado por ideologias e formações discursivas que determinam o que pode e deve ser dito em um determinado contexto. Jasmine, ao deslocar-se da posição de princesa submissa para a de sujeito que questiona, tensiona as formações discursivas dominantes e introduz novas possibilidades de sentido. Sua voz evidencia a historicidade dos discursos de gênero e o modo como estes podem ser ressignificados pela linguagem. Assim, a personagem não apenas fala, mas faz falar uma nova representação do feminino, que se opõe ao silenciamento e à invisibilidade.

A relevância do discurso de Jasmine está, portanto, em seu potencial de empoderamento, na *performance* social construída e reiterada ao longo da narrativa desta no filme. Jasmine encena uma nova *performance* feminina que questiona a naturalização da obediência e da fragilidade no reino e luta para que isto seja alterado no contexto sócio-histórico em que se situada a narrativa ficcional. Nessa perspectiva, seu discurso se alinha ao pensamento de Djamila Ribeiro (2017), que enfatiza a importância do lugar de fala como espaço legítimo de produção de saber e de representação social. Ao ocupar esse lugar e afirmar sua subjetividade, Jasmine confronta as hierarquias simbólicas e se torna porta-voz de um ideal de liberdade e igualdade.

O potencial inspirador da personagem ultrapassa o campo da ficção, uma vez que o feminismo é um movimento de conscientização e de transformação das estruturas opressoras. Nesse sentido, Jasmine representa uma possibilidade de identificação simbólica para meninas e mulheres que buscam construir uma autoimagem marcada pela autonomia e pela coragem de se posicionar no mundo. O discurso da personagem, ao articular resistência e desejo de liberdade, opera como um dispositivo discursivo de formação e transformação de subjetividades, conforme sugere Orlandi (2009), o sujeito é efeito de sentidos e, ao mesmo tempo, produtor de novos sentidos na linguagem.

A presença discursiva de Jasmine, portanto, contribui para o fortalecimento de novas representações femininas – múltiplas, complexas e potentes. Como aponta Ribeiro (2019), reconhecer o direito de falar e ser ouvida é um ato político de afirmação da própria existência. Nessa perspectiva, Jasmine não é apenas uma princesa, mas uma enunciadora que confronta as hierarquias de gênero e de poder, tornando-se símbolo de empoderamento e de resistência.

Para estudos futuros, recomenda-se a ampliação da análise para outras personagens femininas em contextos culturais distintos, a fim de compreender como o discurso do empoderamento feminino se constrói e é apropriado

## **XXVIII CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

pelo público. Além disso, seria relevante investigar a recepção das narrativas de Jasmine entre diferentes grupos sociais e faixas etárias, observando como as espectadoras interpretam, assimilam e reelaboram as mensagens de resistência e igualdade.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AZEVEDO, Maria Lúcia de; SOUSA, Bruna Batista de. *Mulheres em cena: representações femininas e empoderamento nas produções audiovisuais contemporâneas*. São Paulo: Universitária, 2019.

Azevedo, M. A.; Sousa, L. D. de. Empoderamento feminino: conquistas e desafios. *Sapiens – Revista de divulgação Científica*, 1(2). Recuperado de <https://revista.uemg.br/index.php/sps/article/view/3571>.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 2. ed. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Fronteira, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2016.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

\_\_\_\_\_. *Discurso e Leitura*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Campinas: Unicamp, 2006.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

#### **Outra fonte:**

DISNEY. Aladdin [filme]. Direção: Guy Ritchie. Produção: Walt Disney Pictures. EUA, 2019.